

# A METADISCURSIVIDADE EM NARRATIVAS NO CONTEXTO DA ATROFIA CORTICAL POSTERIOR

LA METADISCURSIVIDAD DE NARRATIVAS EN EL CONTEXTO DE LA ATROFIA  
CORTICAL POSTERIOR

THE METADISCURSIVITY IN NARRATIVES IN THE CONTEXT OF POSTERIOR CORTICAL  
ATROPHY

Caio Mira\*

Katiuscia Custodio\*\*

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**RESUMO:** Diante do acentuado envelhecimento da população e a crescente incidência de doenças neurodegenerativas que acometem esse grupo etário, o presente artigo tem como objetivo analisar os elementos de metadiscursividade que estruturam e dão coesividade às narrativas de uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior, uma doença considerada como um subtipo da Doença de Alzheimer, que afeta, dentre outras funções, a linguagem. Para tal empreendimento, esse estudo fundamenta-se no aparato teórico da Análise da Conversação, estudo da narrativa oral e Linguística Textual, com a noção de referencialidade e metadiscursividade. As análises demonstram que a participante, apesar dos déficits ocasionados pela patologia, mantém uma atitude ativa durante a interação, narrando histórias em colaboração com o interlocutor, coconstruindo referentes e apresentando elementos que evidenciam a metadiscursividade, monitorando seu fazer comunicativo, a inteligibilidade de sua fala e a compreensão do interlocutor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas orais. Referencialidade. Metadiscursividade. Atrofia Cortical Posterior.

**RESUMEN:** En vista del marcado envejecimiento de la población y la creciente incidencia de enfermedades neurodegenerativas que afectan a este grupo de edad, este artículo tiene como objetivo analizar los elementos metadiscursivos que estructuran y dan cohesión en las narrativas de una persona afectada por atrofia cortical posterior (en adelante ACP), una enfermedad considerada como un

---

\* Doutor em Linguística. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: [cmira@unisinos.br](mailto:cmira@unisinos.br).

\*\* Mestra em Linguística Aplicada. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: [katiusciacustodio@gmail.com](mailto:katiusciacustodio@gmail.com).

subtipo de la enfermedad de Alzheimer, que afecta, entre otras funciones, el lenguaje. Para tal propósito, este estudio se estructura teóricamente en el Análisis de la Conversación, el estudio de narrativa oral y la lingüística textual, con las nociones de referencia y metadiscursividad. Los análisis muestran que la participante, a pesar de los déficits causados por la patología, mantiene una actitud activa durante la interacción, narra historias en colaboración con el interlocutor, construye conjuntamente referentes y presenta elementos que evidencian la metadiscursividad, monitorea su actividad comunicativa, la inteligibilidad de su discurso y la comprensión del interlocutor.

PALABRAS CLAVE: Narrativas orales. Referencia. Metadiscursividad. Atrofia Cortical Posterior.

ABSTRACT: Faced with the marked aging of the population and the increasing incidence of neurodegenerative diseases that affect this age group, this article aims to analyze the elements of metadiscursivity that structure and give cohesiveness in the narratives of a person affected by Posterior Cortical Atrophy (hereinafter, ACP), a disease considered as subtype of Alzheimer's Disease, which affects, among other functions, language. For such an undertaking, this study is based on the theoretical apparatus of Conversation Analysis, a study of oral narrative and Textual Linguistics, with the notion of referencing and metadiscursivity. The analyzes show that the participant, despite the deficits caused by the pathology, maintains an active attitude during the interaction, narrating stories in collaboration with the interlocutor, co-constructing referents and presenting elements that show metadiscursivity, monitoring her communicative work, the intelligibility of her speech and the understanding of the interlocutor.

KEY WORDS: Oral narratives. Reference. Metadiscursivity. Posterior Cortical Atrophy.

## 1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial é um fenômeno real que demanda planejamento de políticas públicas de saúde, de sustentabilidade financeira dos sistemas previdenciários e, sobretudo, a criação de condições que promovam a funcionalidade, a autonomia e o cuidado com os idosos. Considerando a complexidade desse quadro, na realidade brasileira, existem dados que demonstram o visível aumento da população idosa no país. De acordo com Santos *et al* (2020), as pessoas de 60 anos ou mais compreendiam 10% da população geral em 2010 e a expectativa é de que se alcance o número de 13,7% no ano de 2020 e de 23,8% em 2040.

Diante do aumento da curva de envelhecimento da população brasileira, há a maior incidência das chamadas patologias demenciais nos idosos, dentre as quais destaca-se a Doença de Alzheimer abrangendo de 60% a 70% dos casos (SANTOS *et al*, 2019). Tal patologia, assim como as demais doenças neurodegenerativas que acometem esse grupo etário, não alteram apenas estruturas neurológicas e funções mentais variadas, mas, sobretudo, processos sociocognitivos intrínsecos à linguagem e à interação. Esse quadro afeta não só as funções neurológicas e cognitivas, mas toda a organização simbólica das práticas sociais cotidianas nas quais os indivíduos se envolvem. Levando-se em consideração essas práticas sociais afetadas pelas síndromes neurodegenerativas, talvez a conversação cotidiana seja o primeiro sinal de declínio das funções neurológicas e cognitivas.

Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar os elementos de metadiscursividade que estruturam e dão coesividade nas narrativas de uma pessoa acometida pela a Atrofia Cortical Posterior<sup>1</sup> (doravante, ACP), uma doença considerada por alguns médicos como um subtipo da Doença de Alzheimer, que afeta, dentre outras funções cognitivas, a linguagem.

Cabe retomarmos que a ACP é uma patologia neurodegenerativa, considerada por alguns médicos como um subtipo da Doença de Alzheimer (doravante, DA), visto que a etiologia das duas doenças é a mesma: o acúmulo do peptídeo  $\beta$ -amilóide que se deposita nos vasos cerebrais, impedindo as sinapses dos neurônios (SERINO *et al.*, 2014). Isso leva a outra semelhança entre as doenças, o diagnóstico definitivo, que somente pode ser obtido em exame *post mortem*, evidenciando a mesma manifestação morfológica entre as duas patologias.

<sup>1</sup> Atrofia Cortical Posterior foi o termo cunhado pelos médicos Benson, Davis e Snyder, em 1988. (BENSON *et al*, 1988).

Todavia, ambas as doenças se diferem em alguns aspectos, sendo um deles a localização. No caso da ACP, a presença microscópica de placas senis e emaranhados neurofibrilares estão predominantemente localizados nas áreas de associação visual e nos lobos parietais enquanto que na DA, o hipocampo e a área entorrinal são principalmente afetados (CASTRILLÓN *et al.*, 2010). Isso ocasiona diferenças em relação à apresentação das doenças. Em relação à ACP, há uma melhor preservação da memória episódica e da área da linguagem, em comparação à DA, e uma condição menos favorável nas funções visuoperceptivas, visuoespaciais e práxicas. O sintoma de apresentação mais frequente na ACP é a agnosia visual ou visuoespacial<sup>2</sup> (SERINO *et al.*, 2014), o que implica em dificuldades visuais como reconhecer alguém em determinado ambiente, desorientação espacial, inabilidade em utilizar objetos, entre outros. Já os sintomas iniciais manifestados na DA estão relacionados à perda da memória episódica. (WANG *et al.*, 2015).

O presente artigo, pautado em uma abordagem sociocognitivista, propõe-se a analisar tal contexto, reconhecendo que linguagem e cognição são indissociáveis e que a interação constitui-se como o *locus* fundamental de análise linguística, visto que configura-se como o elemento central para a compreensão das tarefas interpretativas. A interação assume esse papel fundamental por ser um objeto de análise que requer a mobilização de elementos que abarcam a dimensão discursivo-pragmática da linguagem, os aspectos cognitivos e os fatores situacionais de um evento interativo.

Além disso, as narrativas orais possibilitam constituir uma questão interessante que se torna o ponto norteador deste trabalho: de que forma são mobilizados os elementos linguísticos que marcam a continuidade da história e o monitoramento metalinguístico na interação com uma pessoa acometida pela ACP?

Em uma abordagem médica, Benson *et al.* (1988) foram os primeiros pesquisadores que observaram distúrbios em relação à linguagem em seus pacientes. Posteriormente, outros pesquisadores passaram a investigar os déficits relacionados à linguagem nesse contexto (CAPRILE *et al.*, 2009; MAGNIN *et al.*, 2013, WANG *et al.*, 2015; CRUTCH *et al.*, 2017).

Poucas pesquisas procuraram explorar a face discursiva da produção linguística no contexto da ACP. Contudo, já existem estudos na área da Linguística Aplicada que investigam a produção discursiva dessa patologia. Alguns resultados sobre a narratividade podem ser observados no estudo de Custodio (2019), que analisou as narrativas orais cotidianas de uma pessoa acometida pela ACP. A pesquisa demonstrou que a participante, apesar dos déficits linguísticos ocasionados pela doença, utilizava diferentes estratégias linguísticas e discursivas, dentre elas a referenciação, revelando a ativação de estratégias sociocognitivas que possibilitavam a sua participação ativa na interação face a face, superando tais dificuldades.

Outro trabalho recente que discute a construção de objetos de discurso na movimentação narrativa de uma pessoa com ACP é o trabalho de Mira e Custodio (2019). O referido trabalho discute que o uso de estratégias textuais e interacionais pela participante, sobretudo ao contar histórias coconstruídas com o interlocutor, possibilitam a manutenção e progressão do tópico discursivo e sustentam o desenvolvimento da história durante a interação.

## 2 A NARRATIVA COCONSTRUÍDA NO CONTEXTO PATOLÓGICO

Nossas interações cotidianas são permeadas por narrativas e isso ocorre pelo fato de que as histórias desempenham uma função social. Por meio delas, revelamos quem somos, construímos a nossa identidade, estabelecemos diversas relações e participamos de grupos sociais e comunidades de práticas (LAVE; WEGNER, 1991). Ao contar histórias em nosso cotidiano, atuamos em ações conjuntas nas quais usar a linguagem requer a coordenação de ações individuais (CLARK, 1996).

Considerando a ubiquidade e o significado do fenômeno narrativo em nosso cotidiano, compreendemos que o ato de contar histórias é uma atividade essencialmente interativa. Ao contarmos uma história, não apenas nos comunicamos, mas, sobretudo,

<sup>2</sup> Agnosia visual é a incapacidade de reconhecer objetos, pessoas, cores e símbolos gráficos, apesar da ausência de déficits na visão. A pessoa consegue ver o objeto, porém é incapaz de identificá-lo e nomeá-lo. A agnosia visuoespacial se caracteriza pela negligência da metade esquerda do espaço, por não conseguir identificá-lo. (GUSMÃO *et al.*, 2007).

agimos no mundo em interação com os sujeitos com os quais estabelecemos relações. A respeito dessa ação conjunta, Clark (1996, p. 346, tradução nossa) afirma que um exame mais atento da narrativa revela que “essas histórias são parte integrante da conversa, com a audiência participando tanto quanto narradores<sup>3</sup>”. Partindo desse pressuposto, as narrativas produzidas no contexto de uma síndrome neurodegenerativa como a ACP constituem-se como um domínio empírico interessante por evidenciar as estratégias interacionais que emergem no quadro de dificuldades linguísticas e interacionais que são causados por essa patologia.

As pessoas que sofrem de alguma doença neurodegenerativa são acometidas pela perda linguística e cognitiva e são desafiadas a registrar novas memórias e acessar memórias passadas. Tais fatos somados à ação de contar histórias, fazem com que as narrativas não apresentem uma organização conforme o esperado, tendo em vista que além de lembrar de eventos passados, a pessoa ainda pode apresentar problemas de acesso lexical, organizar temporalmente os fatos, entre outros. No entanto, Hydén e Örvulv (2008) afirmam que essas condições não impedem o indivíduo com DA ou com outra neurodegenerância de engajar-se na ação de narrar e ainda destaca que, ao fazer isso, a pessoa mobiliza sua criatividade a fim de, pela história, coconstruir sua identidade com o interlocutor.

Em termos de organização da narrativa, ainda segundo Hydén (2017), o caráter colaborativo do interlocutor é fundamental pois à medida que o quadro patológico evolui, e, conseqüentemente o declínio cognitivo, os conhecimentos compartilhados entre os interagentes são elementos fundamentais na manutenção das interações. O *andaimento*<sup>4</sup> torna-se o apoio interacional necessário a fim de facilitar a interação e estabelecer significados conjuntos.

Esse apoio interacional do interlocutor, desempenhando uma atitude colaborativa (cooperando com recursos linguísticos, conhecimentos comuns ou experiências compartilhadas) proporciona as condições necessárias para que a narrativa se concretize durante a atividade discursiva.

Compartilhando da mesma perspectiva de narrativa como colaboração, o modelo de análise de narrativa criado por Ochs e Capps (2001) possibilita uma abordagem que tem como premissa fundamental o fato de que o discurso narrativo constitui um evento de fala contextualizado interativamente. As autoras concebem a narrativa a partir de dimensões que não são sempre manifestadas em uma sequência exata na interação, pois “cada dimensão narrativa estabelece uma série de possibilidades, que são realizadas em performances narrativas particulares (OCHS; CAPPS, 2001, p. 19).

De acordo com esse modelo, as narrativas emergem dentro da atividade discursiva nos mais variados contextos e atendendo a diferentes propósitos. Elas comumente apresentam mais de um narrador ativo, estão relacionadas ao aqui e agora interacional, sendo coconstruídas pelos interlocutores e não apresentam uma estrutura fixa, visto que, por se tratarem de narrativas orais, diferentes atos e gêneros do discurso podem permeá-las.

Assim, em oposição a uma estrutura fixa de análise das narrativas interacionais, as autoras estabelecem cinco dimensões que demonstram um caráter mais fluído da narrativa, considerando sua flexibilidade na cena interacional. Ochs e Capps (2001, p. 19, tradução nossa<sup>5</sup>) afirmam que a narrativa pode ser analisada por um conjunto de dimensões que poderá ser exibido em graus e maneiras diferentes:

Em vez de identificar um conjunto de características distintas que sempre caracterizam a narrativa, mesmo que não sejam elaboradamente manifestas. [...] Cada dimensão narrativa estabelece uma gama de possibilidades, que são realizadas em

<sup>3</sup>“On closer examination, I am not. These stories are part and parcel of the conversation, with the audience participating as much as the narrators. They are extended joint projects that require coordination and joint commitment”.

<sup>4</sup>Andaimento (*scaffolding*) é um termo cunhado por Wood, Bruner e Ross (1976) ao explicar o processo através do qual uma criança ou aprendiz que ainda não é capaz de agir independentemente pode superar suas dificuldades por meio do suporte interacional de alguém mais experiente, no caso o professor.

<sup>5</sup> *Rather than identifying a set of distinctive features that always characterize narrative, even if not elaborately manifest. [...] Each narrative dimension establishes a range of possibilities, which are realized in particular narrative performances. We use these dimensions and their field of possibilities to analyze how different interlocutors shape the telling of narrative and how life events are structured through narrative form.*

performances narrativas específicas. Utilizamos essas dimensões e seu campo de possibilidades para analisar como diferentes interlocutores moldam a narrativa e como os eventos da vida são estruturados através da forma narrativa.

Dessa forma, as autoras definem como as cinco dimensões observáveis nas narrativas orais:

- i. Narração (*tellership*): Diz respeito ao grau de envolvimento do narrador ao contar a história. O narrador pode contar a história sozinho para uma audiência passiva ou pode conarrar com outros interlocutores. Pode utilizar diferentes recursos comunicativos como gestos, olhares, movimentos corporais, entonação, expressão corporal, entre outros.
- ii. Historiabilidade (*tellability*): Diz respeito à relevância da história ser ou não ser narrada em determinado contexto. Narrativas com historiabilidade alta asseguram a atenção dos interlocutores e normalmente podem ser contadas outras vezes.
- iii. Encaixe (*embeddedness*): Diz respeito à conexão da narrativa emergente com o discurso circundante. A narrativa isolada é uma entidade em si mesma, não estabelecendo referência ao que está sendo dito. A narrativa encaixada serve ao propósito discursivo operando como um elemento argumentativo, exemplificador, estabelecendo uma comparação, ou seja, está ligada ao tópico discursivo.
- iv. Linearidade (*linearity*): Diz respeito à extensão do fato que está sendo narrado, se são eventos cotidianos e, portanto, mais breves, ou histórias de vida, ou seja, eventos mais longos. Também demonstra como a narrativa retrata os eventos: com um início, meio e fim, um desfecho definido, com progressão temporal e causal, ou se apresenta uma não-linearidade.
- v. Postura moral (*moral stance*): Diz respeito às avaliações que o narrador faz e que são refletidas na história que conta. As histórias que contamos representam valores, moral, tudo o que julgamos ser um comportamento adequado ou inadequado, aquilo que foge de nossas crenças.

A partir da proposta de Ochs e Capps (2001), como o *continuum* dos elementos da narrativa se alternam de forma não linear na constituição da história, são estabelecidos papéis dinâmicos entre os interlocutores. Nessa perspectiva eminentemente interativa, a narrativa apresenta os traços linguísticos que revelam as estratégias de construção discursiva de fatos, de memórias e de papéis sociais que são continuamente construídos pela participante.

Para esta tarefa, mobilizaremos os marcadores metadiscursivos como uma categoria teórico-analítica a fim de demonstrar a organização das dimensões da narrativa e os processos de produção de sentidos construídos conjuntamente em uma situação conversacional com uma pessoa acometida pela ACP.

### 3 REFERENCIAÇÃO E METADISCURSO: A REFLEXIVIDADE NA E SOBRE A LINGUAGEM

Linguagem, cognição e interação social é a tríade que sustenta a concepção sociocognitiva na qual embasamos o presente artigo. A perspectiva sociocognitiva considera que: “[...] o processo referencial é melhor caracterizado como interativo. A referência poderia ser tida como aquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa.” (MARCUSCHI, 2001, p. 38).

Dessa forma, a referenciação é um processo discursivo por meio do qual os sujeitos ressignificam a realidade, coconstruindo com o interlocutor *objetos de discurso* durante a interação, cujos significados não estão fixos a categorias pré-determinadas, mas são colaborativamente atribuídos de acordo com o contexto ao qual se fixam (MARCUSCHI, 2001).

Diferentemente dos objetos de mundo ou de uma realidade extralinguística, os objetos do discurso que aqui analisaremos, se constroem e se modificam durante a interação e, dessa forma, apresentam uma natureza dinâmica (KOCH, 2004). Essa característica revela uma multiplicidade infinita de significados negociados, dependendo do contexto compartilhado entre os falantes, suas experiências pessoais e seus conhecimentos. De acordo com Koch, na perspectiva sociocognitiva, a atividade da referenciação demonstra que:

Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (KOCH, 2004, p. 57).

A dinamicidade inerente aos objetos de discurso e a possibilidade de (re)construção pelos falantes durante a atividade discursiva conduz a uma reflexão “[...] muito mais pelos processos de construção de sentido na interlocução e muito menos pelos sentidos eventualmente construídos nessa interlocução” (MARCUSCHI, 2001, p. 41). A referenciação é o produto da conexão entre linguagem, cognição e interação, uma atividade dinâmica e intersubjetiva de criar referentes. Por sua vez, a metadiscursividade está ligada à referenciação, pois “[...] diz respeito àqueles momentos reflexivos realizados pelos falantes quando se voltam sobre seu enunciado ou do interlocutor no momento mesmo em que se desenvolve a interação”. (MORATO, 2012, p. 48).

A metadiscursividade, segundo Jubran (2005, p. 220) ao demonstrar “a gestão do processo verbal-interativo, tem sido definida como autorreflexividade discursiva, no sentido de que o discurso se dobra sobre si mesmo, constituindo-se como referência de si próprio”. Pela metadiscursividade torna-se visível o papel reflexivo dos falantes sobre a linguagem. (MORATO, 2005).

A referenciação metadiscursiva se distingue da referenciação tópica, na medida em que se caracteriza pela autorreflexividade discursiva, em um plano intratópico, delineando “[...] referentes de outra ordem, na medida em que estampa no texto a própria atividade discursiva, o “fazer discursivo” gerador do texto.” (JUBRAN, 2009, p. 295). Já a referenciação tópica reflete o processo de construção de referentes ligados ao universo discursivo de que se fala, estabelecidos pela centração, traço básico do tópico discursivo, evidenciando uma progressão tópica, ou seja, uma sequencialidade no plano intertópico. Por meio da metadiscursividade é possível observar os processos linguísticos e cognitivos que são desencadeados e a ênfase que é dada ao sentido no âmbito do enunciado, da enunciação, dos recursos linguísticos, contexto interacional, entre outros (MORATO, 2012).

De acordo com Jubran (2005), há cinco modalidades de metadiscurso que podem ser verificadas em textos falados que instauram referências quanto:

1. À elaboração do texto, em relação à formulação linguística;
2. À estruturação tópica do texto, em relação de progressão textual;
3. Aos coprodutores do texto (locutor e interlocutor) referenciados no texto com o objetivo de assegurar o intercâmbio verbal;
4. Aos papéis discursivos assumidos pelos coprodutores do texto na durante a interação;
5. Ao próprio ato comunicativo em curso estabelecendo negociações como a natureza da interação, a gestão de turnos entre outros.

Diante de todo esse aparato de possibilidades de analisar o uso reflexivo da linguagem em situações de interação, que aqui descrevemos brevemente, apresentaremos os procedimentos metodológicos, e, na sequência, demonstraremos em nossos dados os elementos metadiscursivos colocados em jogo na construção e na manutenção de uma narrativa produzida pela participante acometida pela ACP.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é fundamentado no aporte teórico da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986), de perspectiva textual-interativa, dos estudos da Narrativa Oral, especificamente, na abordagem das dimensões da narrativa proposta por Ochs e Capps (2001) e da Linguística Textual, na noção de referenciação (REICHLER-BÉGUELIN, 1988; MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI; KOCH, 2006) e metadiscursividade (JUBRAN, 2005, 2009). A Análise da Conversação examina a linguagem nas

mais diversas cenas interacionais cotidianas e, para isso, associa-se a outras teorias que viabilizam uma análise e interpretação dos dados profícua (CUSTODIO, 2019). "Esse diálogo interdisciplinar imprime à AC o interesse pela investigação dos procedimentos discursivos e de seus efeitos interacionais no quadro de uma organização discursiva" (MIRA, 2016, p. 135).

Os dados que serão analisados são provenientes do projeto de pesquisa "O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer<sup>6</sup>", cuja geração de dados compreendeu um período de cerca de 34 meses e, aproximadamente, 48 horas de gravação, em entrevistas mensais, do pesquisador coordenador da pesquisa com a participante do estudo, em uma cidade do sul do país. O critério de seleção deu-se pela significativa ocorrência de narrativas durante as interações.

O método de geração dos dados utilizado é a entrevista entendida como um evento de fala (MISLHER, 1986). De acordo com essa concepção, o discurso é construído conjuntamente entre participante e pesquisador durante a entrevista; os significados das perguntas e respostas são coconstruídos na atividade interacional e a análise da entrevista é baseada em teorias do discurso.

Devido a esse aspecto, torna-se fundamental que a pesquisa privilegie um maior espaço de fala ao participante. Na presente pesquisa, foi adotada a entrevista não estruturada (ou entrevista aberta). A escolha por tal procedimento de geração de dados justifica-se na concepção de entrevista como uma construção colaborativa do discurso realizada entre pesquisador e participante, com foco maior no participante, favorecendo um empoderamento do mesmo (MISHLER, 1986), pois conforme afirma Rollemberg (2013), é importante que a voz do participante seja ouvida, além de se deixar perceber que voz é essa, no caso desse estudo, de uma pessoa acometida pela ACP.

Dessa forma, os encontros caracterizavam-se como conversas cotidianas informais, sem definição prévia de assuntos a serem abordados. As entrevistas foram gravadas em meio audiovisual e, posteriormente, eram realizadas as transcrições das mesmas. O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações utilizadas por Marcuschi (1986) e adaptadas por Custodio (2019).

#### 4.1 A PARTICIPANTE

A participante do presente estudo identificada como Joana (nome fictício), é uma mulher de 72 anos, professora universitária aposentada, natural do Rio Grande do Sul. Joana foi diagnosticada com Atrofia Cortical Posterior há cerca de cinco anos, estando, atualmente, em estágio intermediário da doença e ciente de sua condição patológica. A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante todo o processo de coleta e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado (TCLE)<sup>7</sup>.

Como sintomas desencadeados pela ACP, é possível observar a perda de visão, mobilidade reduzida decorrente da perda de visão e, em relação à linguagem, dificuldade de articulação de sons no início de palavras, de acesso lexical, parafasias semânticas e lexicais e repetição de segmentos vocálicos. Do ponto de vista discursivo, a principal característica de sua produção linguística é a repetição de referentes e tópicos durante a interação.

Em sua rotina, a participante recebe o auxílio de cuidadoras para a execução de suas atividades de vida diária, além do apoio dos familiares e profissionais da saúde. Joana procura manter-se ativa, envolvendo-se em diversos tipos de atividades, como exercícios físicos, conversas cotidianas, organização de objetos pessoais e visitas a atividades culturais como cinema, teatro e concertos musicais. Além dessas atividades, são frequentes as viagens e as visitas à casa de familiares e amigos.

Normalmente, durante as interações, Joana inicia os tópicos a serem abordados, comentando fatos do cotidiano, mostrando algum objeto pessoal ao pesquisador como fotos ou lembranças de viagem, ou até mesmo solicitando a leitura de algum material escrito.

<sup>6</sup> O projeto recebe auxílio à pesquisa do CNPQ, obtido através do edital MCTI/CNPQ N° 01/2016 (Processo N° 400594/2016-1).

<sup>7</sup> Esta pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, parecer n° 1.321.556.

Além desses assuntos, a participante também costuma narrar fatos sobre sua antiga rotina como professora de língua inglesa e sobre os lugares nos quais já esteve.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

A interação que será analisada tem como interlocutores Joana e o pesquisador, identificado pelo nome fictício de Fábio e acontece na residência de Joana. Visto que havia passado alguns meses desde a última visita de Fábio, a participante preocupa-se em pontuar como tópicos da interação os principais fatos ocorridos desde então, dentre eles, o mais significativo: a morte do companheiro de Joana.

Assim, a participante inicia a interação falando para Fábio sobre as mudanças em relação à organização das suas cuidadoras, que eram três e passaram a ser quatro. Ela conta que a cuidadora que faz companhia a ela no domingo, a havia acompanhado em uma visita na casa do sobrinho da participante, em razão do Dia dos Pais. Logo em seguida, Joana narra sobre a visita do filho, da nora e das netas que tinham vindo em razão de consultas médicas na cidade. Nesse momento da interação, ela começa a contar como foi a chegada da família.

### Excerto 1 – O almoço

1	Joana	aí eles combinaram isso que fosse... eles chegavam e
2		realmente eles ã eles tinham vindo pra fazer o exame de
3		tarde né? então iam almoçar a:qui aí a Elisa ã... quase
4		esperando que elas fossem que eles fossem...aí a gente pode
5		fazer vir aqui...espera Elisa eu disse “espera aí” então eles
6		chegaram aqui e já disseram pra Elisa “tu não vai comprar
7		nada não vai fazer comida... nós vamos ali no XXX ((nome do
8		restaurante)) e vamos almoçar ali”... né? foi ótimo aí
9		então... ele era o casal nós todos almoçávamos ali no
10		restaurante... restaurante bom... assim... e: ã: de comer
11		coisas assim que tu pode fazer ã: escolhas é:... como é que
12		é não é a la carte é...
13	Fábio	onde todo mundo se serve?
14	Joana	isso como é que se diz?
15	Fábio	<i>Buffet</i>

Joana inicia relatando a intenção de sua cuidadora, Elisa, de preparar o almoço para as visitas que estavam para chegar. Na linha 5, ela reporta sua própria fala dizendo à cuidadora para esperar e, logo em seguida, reporta a fala do casal (linhas 6 a 8) dizendo que iriam almoçar em um restaurante.

Tannen (2007) denomina as falas reportadas como diálogo construído (*constructed dialogue*). Segundo a autora, ao repetir enunciados já ditos em outro contexto, o locutor os recontextualiza no discurso atual, enquadrando a informação e estabelecendo envolvimento com o interlocutor. O diálogo construído por Joana nessa parte da interação, não traz exatamente as falas da forma como aconteceram, mas justificam sua atitude de não deixar Elisa preparar o almoço: ela sabia que provavelmente o casal iria convidar para almoçar fora.

Nas narrativas orais, Tannen (1986) verificou que é comum as pessoas reportarem um diálogo sem utilizar um verbo metadiscursivo (disse, falou etc.) para introduzi-lo. Neste excerto, podemos verificar as duas formas de construção do formato indireto para o direto: com e sem o uso dos verbos metadiscursivos. Na linha 5, ela inicialmente faz a transição, por meio de pausa e mudança na entonação e depois utiliza o verbo dizer (“espera Elisa” eu disse “espera aí”). Já na construção do diálogo do casal, Joana utiliza o

verbo metadiscursivo dizer e já disseram pra Elisa (linha 6). O diálogo construído por Joana, situa Fábio no contexto da interação e o conduz aos próximos fatos que serão narrados. O acontecimento do almoço atua no relevo informacional, pois a partir dele, serão desencadeadas outras ações.

É possível verificar que na primeira referência ao objeto do discurso *restaurante* (linha 7), Joana utiliza o nome fantasia do mesmo e na linha 8 o retoma com o uso do dêitico ali. Sabendo que não se trata de um local conhecido por Fábio, a participante demonstra a intenção de descrever melhor esse referente. Na tentativa de especificar melhor o tipo de restaurante de que se trata, Joana hesita, demonstrando uma dificuldade de acesso lexical e busca o apoio do interlocutor, em uma atitude colaborativa própria da linguagem. Ela recorre ao conhecimento de mundo compartilhado entre ambos e descreve o referente a fim de coconstruí-lo com o interlocutor restaurante bom... de comer coisas assim ã: que tu pode fazer escolhas é: (linhas 10-11) e em seguida por meio de uma relação antonímica como é que não é a la carte é... (linhas 11-12) estabelecendo uma relação de oposição entre restaurantes *a la carte* e *buffet*.

Fábio, atuando colaborativamente com Joana, especifica o referente na linha 13 (onde todo mundo se serve?). Joana confirma a informação e questiona como é que se diz?. Esse questionamento não atua apenas na categorização do referente restaurante, mas demonstra a reflexividade de Joana sobre seu próprio discurso e a preocupação com o sentido correto a ser construído com o interlocutor. É possível observar que essa atitude reflexiva de Joana, ressalta uma das modalidades de metadiscursos classificadas por Jubran (2005, p. 221) na qual são identificadas “referências à elaboração do texto, no que diz respeito à sua formulação linguística, [...] como explicitação de referência a um item lexical”. Jubran (2009) esclarece ainda a parentetização, pela característica de se afastar momentaneamente do tópico discursivo a fim de dar algum esclarecimento, muitas vezes pode se ligar a uma função metadiscursiva, como no caso acima verificado no qual Joana demonstra um movimento metalinguístico de descrição, em seguida de relação antonímica e, por fim, pela interpelação ao interlocutor.

Com o estabelecimento do referente *buffet*, a narrativa de Joana terá continuidade e progressão tópica, revelando a dimensão da sua linearidade (OCHS; CAPPIS, 2001) como progressiva, conforme veremos a seguir.

#### Excerto 1 – A catarse

16	Joana	<i>buffet</i> isso então ã: almoçamos lá aí então eles
17		foram o André e a Patrícia foram fazer os exames e aí
18		ela já tinha perguntado se a gente podia ficar com as
19		meninas foi o máximo tu não pode imaginar que maravilha
20		porque a... as gurias vieram e a mãe e o pai saíram então
21		por exemplo essa casa aqui pode brincar todo mundo pode
22		sentar brincar e tudo né sabe que a Ana é a mais velha
23		pegou... "vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o
24		seguinte nós vamos fazer o casamento tu e o Carlos" olha
25		só... a cat caté a catarse da Ana que é a mais velha... A
26		forma como ela pensou ã... ao a homenagem do dessa relação
27		minha e do Carlos... que coisa interessante né aí ela disse
28		assim... pediu pra Elisa uma vi um vestido longo... eu
29		ti botei botou uma coisa assim na cabeça... "vó agora"
30		ela pegou a foto do Carlos... então a gente tava a gente
31		ficou de pé né o...ã: "vó tu aceita o Carlos?"
32		"sim"... aí depois aí "Carlos tu aceita a Joana?" "sim" aí
33		fizeram isso aí depois "agora vó ... deita aí" eu...
34		e a pequena também junto né... "deita nós vamos agora
35		viajar pra <i>Cancún</i> ... tu vai... é a lua de mel de vocês"
36	Fábio	<i>Cancún</i> ?

37	Joana	não assim eu digo assim a ideia dessa guria tu entende? né?
38	Fábio	que imaginação

Neste segundo excerto, o primeiro marcador discursivo então (linha 16), fecha a parentetização metadiscursiva e promove a continuidade da narrativa do momento em que havia sido suspensa: no restaurante. Em seguida, Joana utiliza novamente o marcador discursivo aí então (linha 16), dando continuidade à narrativa e passando para um novo tópico. Nas linhas 16 a 19, a participante faz o fechamento das ações ocorridas no almoço e orienta o interlocutor para uma narrativa encaixada. A dimensão do encaixe revela a ligação entre elementos da atividade discursiva e a ação desempenhada pelos falantes na interação, o que no caso da presente narrativa, ocasiona a progressão tópica. Utilizando o marcador discursivo então na linha 20, Joana insere uma narrativa encaixada, a brincadeira com as netas. Na linha 21, Joana estabelece novamente o relevo interacional situando o novo espaço da narrativa (essa casa). Na linha 23-24, ao reportar a fala da neta Ana, “vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o seguinte nós vamos fazer o casamento tu e o Carlos”, Joana conta a brincadeira criada pela neta que se tratava de um de faz-de-conta encenando o casamento da vó com seu companheiro Carlos que havia falecido há algumas semanas antes da presente entrevista. Na ocasião da visita, era a primeira vez que as netas tinham contato com a vó após o acontecido. A narrativa de Joana sobre a brincadeira da neta não remete apenas a uma brincadeira de criança, mas ao falecimento do companheiro e à forma como Ana conduz esse assunto no primeiro momento em que esteve com a vó. Esse é o ponto que destaca a historiabilidade da narrativa, a importância dessa história ser contada no presente contexto interacional.

A partir da linha 23, Joana alterna do discurso indireto para o direto, utilizando-se do diálogo construído para recriar a brincadeira da neta: a cerimônia de casamento. Na linha 25, Joana utiliza a rotulação como estratégia para referir-se à representação criada pela neta (a catarse). A rotulação atua tanto como uma retomada anafórica e uma reinterpretção, agregando novas informações sobre o referente construído e estabelecendo a progressão tópica (JUBRAN, 2006; MARCUSCHI; KOCH, 2006).

Na linha 25, ao construir o referente *catarse* é possível verificar a hesitação na produção fonológica de Joana. De acordo com Marcuschi (2015, p. 50), a hesitação “pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente”. A hesitação produzida por Joana, mais do que revelar uma dificuldade no âmbito fonológico ou lexical, demonstra uma preocupação com seu próprio discurso, uma correção de aspecto linguístico no âmbito fonético-fonológico (FÁVERO *et al.*, 2015).

Na linha 37, Joana avalia a brincadeira da neta e utilizando o marcador discursivo né solicita a avaliação do interlocutor. O desfecho da narrativa ocorre no excerto transcrito a seguir.

### Excerto 2 – A homenagem

39	Joana	e é aí então nós dei nós ã:... "deita" era todo mundo
40		tinha que dormir porq a gente ia a: ...a: pequena também né
41		porque ia viajar junto aí então tinha que:... tinha que:...
42		deitar e descansar porque ... "a gente tem que ficar com o
43		cinto fechado não pode fazer" tu entende? elas similaram
44		tudo tu entende? similaram está certo? está certo o que eu
45		disse?
46	Fábio	Simularam
47	Joana	simularam... tudo né... foi eu vou te dizer eu achei a coisa
48		mais ((SI)) tu entende? porque ela fez uma coisa assim
49		espontânea né... e ela foi ã: foi uma home homenagem
50		para o Carlos pra mim foi tu entende porque ela não tinha
51		mais visto a mim tu entende então ela pensou isso tu não
52		achaste uma coisa muito querida?

53	Fábio	nossa e ela tem quantos anos?
54	Joana	ela tem... oito
55	Fábio	nossa oito anos... com essa imaginação toda
56	Joana	tu viste? não e assim sabendo ah de aceitar de não sei o que
57		tudo eu fiquei eu fiquei surpresa essa guria sabe tudo já
58		entende assim claro eles veem eles têm fil filminhos e...
59		sabe? <i>Ipad</i> e tudo que é coisa e a gente que fica não sabendo
60		as coisas pra mim é novidade então foi muito muito
61		legal daí então no domingo... eu estava com essa Carmem
62		essa com quem eu fico â: ... â: domingo e depois e fico
63		com ela â: até o â: segunda né aí naquele domingo é:...
64		a gente ficou um pouco em casa até porque nós estamos
65		arrumando assim tudo que é CD também tudo ordenado tudo
66		é â: super â:... â: sele seleci selecionar tudo
67		organizado entende?
68	Fábio	Uhum

Quanto à dimensão da narração, Joana assume a posição de narradora ativa ao longo de toda a narrativa, colocando-se como narradora principal, interagindo com o interlocutor de forma colaborativa, checando sua compreensão, atenção, solicitando avaliação ou negociando referentes. Quanto à dimensão da linearidade, Joana coconstrói uma narrativa linear e progressiva, sem necessitar de apoio interacional.

Na linha 39, com o marcador discursivo então, Joana retoma a narrativa. Nas linhas 39 a 43, Joana reporta a fala da neta e faz o desfecho da narrativa encaixada. Nas linhas 44-45, a participante demonstra o monitoramento da própria atividade discursiva ao dizer *similaram está certo? está certo o que eu disse?*.

A solicitação do apoio do interlocutor atua como uma estratégia metadiscursiva por meio da qual “o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer” (KOCH, 2004, p. 120). Novamente, Joana utiliza uma parentetização metadiscursiva, acionando o interlocutor a fim de garantir a inteligibilidade do que é dito. Podemos afirmar que, estando ciente de seu diagnóstico, muitas vezes Joana utiliza tal estratégia como um artifício a fim de coconstruir seu próprio discurso, apoiando-se na atitude colaborativa do interlocutor (CUSTODIO, 2019).

Na linha 47, Joana utiliza a expressão *vou te dizer*, novamente em atitude metadiscursiva, interpelando Fábio, seu interlocutor, para manifestar apoio frente à avaliação que irá fazer na sequência. Ao concluir que as netas *similaram tudo*, Joana conduz Fábio para o desfecho dos acontecimentos e mais uma vez manifesta sua avaliação positiva sobre a brincadeira da neta (linhas 47-49), categorizando a ação como uma coisa assim espontânea (linha 48-49).

O referente homenagem que recategoriza a brincadeira na linha 49, atua encapsulando anaforicamente toda a brincadeira criada e promove o encerramento do tópico discursivo, revelando a postura moral de Joana, demonstrando que mais do que apenas uma brincadeira, o ato em si era a forma que a neta encontrou de lidar com o luto da avó.

Nas linhas 48-51, Joana utiliza o termo *entende* três vezes, justamente quando coconstrói com Fábio o referente homenagem e avalia a brincadeira. Consideramos essa ocorrência uma forma metadiscursiva de “interpelação ao interlocutor com respeito ao entendimento de sua fala, testagem da compreensão do que é dito” (JUBRAN, 2005, p. 223), ou seja, após coconstruir o sentido da história com Fábio, Joana faz a checagem da compreensão do mesmo e se ele compartilha da mesma opinião que ela, até culminar nas linhas 51-52 na pergunta feita diretamente ao interlocutor solicitando sua avaliação: *tu não achaste uma coisa muito querida?*. Nas linhas que seguem, Joana continua falando sobre as netas e suas experiências que, para ela, podem despertar sua criatividade. Em seguida, a interação prossegue tendo como assunto outros acontecimentos do mesmo dia, após a visita do filho.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou como a participante do estudo, acometida pela ACP, sustenta seu fazer comunicativo frente ao interlocutor, verificando a existência de uma autorreflexividade presente em seu discurso e de que forma se materializa textual e interativamente.

Em nossas análises, podemos observar que Joana apresenta um comportamento autorreflexivo ao longo de toda a interação, seja demonstrando uma preocupação em criar o cenário adequado da história que conta, seja garantindo a interpretação correta do interlocutor frente a sua narrativa, seja ainda, procurando termos adequados frente a sua dificuldade de acessar lexicalmente algum termo ou de articular adequadamente alguma palavra devido a sua dificuldade fonológica.

Na interação, Joana utiliza a narrativa, encaixada no discurso em jogo, como uma forma de chamar a atenção do interlocutor, descrever acontecimentos importantes e falar sobre o seu luto. A narrativa da participante demonstra todas as dimensões conforme propostas por Ochs e Capps (2001), caracterizando-se como uma narrativa interacional, que emerge naquele contexto e vai se construindo com o interlocutor.

Ao longo de sua narrativa, Joana demonstra, segundo a perspectiva sociocognitiva, o entrelaçamento entre linguagem, cognição e interação, pois ativa os aspectos cognitivos necessários a fim de suprir suas dificuldades de linguagem ocasionadas pela ACP. Podemos constatar tal fato, quando Joana utiliza da metadiscursividade a fim de construir referentes e garantir a inteligibilidade do que está sendo dito.

Ao construir os elementos da narrativa e dos referentes da história, a participante realiza movimentos nos quais o discurso “[...] dobra-se sobre si mesmo, em um movimento auto-reflexivo típico da metadiscursividade, figurando como discurso e objeto de discurso” (JUBRAN, 2003, p. 98). Ao analisarmos a interação da participante sob uma perspectiva sociocognitivista, as estratégias referenciais metadiscursivas podem ser observadas em meio aos déficits que incidem sobre a linguagem e a cognição, a relação entre linguagem, cognição e interação é mantida tendo por base a atitude colaborativa do interlocutor (CUSTODIO, 2019).

Além da referenciação metadiscursiva, a participante também faz amplo uso da referenciação tópica, construindo, categorizando e recategorizando referentes ao longo da interação. Essa atividade garante a progressão tópica à narrativa e a linearidade na sucessão dos fatos narrados.

Outro fato importante de salientar é a atitude colaborativa do interlocutor que promove a interação. De acordo com Hydén (2011, p. 339, tradução nossa), “[...] contar histórias sobre experiências pessoais compartilhadas implica que os narradores devem *colaborar*<sup>8</sup> tanto na narração atual, quanto nos eventos compartilhados, experiências e avaliações desses eventos<sup>9</sup>”. Fábio demonstra ao longo da narrativa de Joana a atenção necessária, coconstruindo referentes, compartilhando seu conhecimento, avaliando ou corrigindo quando solicitado. Como percebemos nessa interação analisada, o comportamento colaborativo do interlocutor pode ser a chave para que a pessoa com ACP sustente uma narrativa e participe efetivamente da interação.

A performance narrativa de Joana reflete o papel ativo que as pessoas com ACP podem desempenhar ao se instaurarem como narradoras na interação. Os dados analisados podem contribuir para a desconstrução do estigma social que envolve as condições neurodegenerativas, pois revelam que a negociação dos objetos de discurso realizada por Joana se configura de forma bastante similar às possibilidades de construção textual-interativa de narrativas produzidas fora do contexto da ACP (MIRA; CUSTODIO, 2019).

<sup>8</sup> Grifo do autor.

<sup>9</sup> “Telling stories about shared personal experiences implies that the tellers must collaborate both in the actual telling as well as in the shared events, experiences, and evaluations of those events”.

Faz-se relevante salientar, também, a importância da narrativa naquele dado contexto. Ao narrar, Joana articula processos cognitivos ao buscar memória de eventos passados, ressignificando-os para o interlocutor, além de monitorar constantemente sua fala a fim de que se torne compreensível. A narrativa escolhida serve como cenário para que Fábio compreenda os últimos acontecimentos e ainda possibilita que Joana tenha voz, demonstrando o sentido sobre si mesma e sobre os últimos acontecimentos marcantes ocorridos.

Os dados também demonstram que não há ausência ou presença incipiente dos elementos metadiscursivos que constituem a narrativa como um texto oral. A metadiscursividade não se apresenta totalmente alterada ou deturpada pelo quadro de perdas cognitivas e linguísticas desencadeado pela ACP. Ainda que de forma limitada a um contexto interacional específico, este artigo visa demonstrar as estratégias metadiscursivas e compensatórias que pessoas como Joana lançam mão para se manter como uma voz ativa nas interações em que contam a própria história ou (re)constróem eventos e fatos do cotidiano (HYDÉN, 2011).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo auxílio-pesquisa obtido por meio do Edital MCTI/CNPq Universal nº 01/2016 (Processo nº 400594/2016-1). A segunda autora agradece ao Fundo Theobaldo Frantz (Unisinós) pela bolsa de mestrado concedida.

## REFERÊNCIAS

BENSON, D. F. *et al.* Posterior Cortical Atrophy. *Archives of Neurology*, v. 45, p. 789-793, 1988.

CAPRILE, C. *et al.* Atrofia Cortical Posterior. perfil neuropsicológico y diferencias con la enfermedad de Alzheimer típica. *Revista de Neurología*, v. 48, n. 4, p. 178-182, 2009.

CASTRILLÓN, J. C.; *et al.* F. Perfil clínico y cognitivo de la atrofia cortical posterior y sus diferencias con la enfermedad de Alzheimer esporádica tardía y familiar precoz. *Acta Neurológica Colombiana*, v. 26, n. 2, p.75-86, 2010.

CLARK, H. C. *Using language*. New York: Cambridge University Press, 1996.

CRUTCH, S. J. *et al.* Consensus classification of posterior cortical atrophy. *Alzheimer's & Dementia*, v. 13, p. 870-884, 2017.

CUSTODIO, K. A. “Como é que vou dizer...”: a coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com atrofia cortical posterior. 2019. 116f. Dissertação (Mestre em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

FÁVERO, L. L. *et al.* Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-256.

HYDÉN, L. C. Narrative collaboration and scaffolding in dementia. *Journal of Aging Studies*, v. 25, p. 339-347, 2011.

HYDÉN, L. C. Storytelling in dementia: collaboration and common ground. In: HYDÉN, L. C.; ANTELIUS, E. *Living with dementia: relations, responses and agency in everyday life*. London: Palgrave, 2017. p. 116-135.

HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Interaction and narrative structure in dementia. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; NYLUND, A. (org.). *Telling stories: language, narrative, and social life*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2008. p. 149-160.

- JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, p. 93-103, 2003.
- JUBRAN, C. C. A. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-241.
- JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.
- JUBRAN, C. C. A. S. O metadiscorso entre parênteses. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 38, n. 3, p. 293-303, set./dez. 2009.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- MAGNIN, E. *et al.* Logopenic syndrome in posterior cortical atrophy. *Journal of Neurology*, v. 260, p. 528-533, 2013.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-68.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 351-367.
- MIRA, C. A construção de objetos de discurso nas práticas conversacionais de um grupo de convivência de afásicos. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1131-1146, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n2p1131/32102>. Acesso em: 2 jul. 2019.
- MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 01-23, 2019.
- MISHLER, E. G. *Research interviewing – context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MORATO, E. M. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 243-263.
- MORATO, E. M. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 45-54, 2012.
- OCHS, E.; CAPPS, L. *Living narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Anaphore, cataphore et mémoire discursive. *Pratiques*, v. 57, p. 15-42, 1988.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de construção de significados. *In: BASTOS, L.C.; SANTOS, W.S. A entrevista na pesquisa qualitativa – perspectivas em análise da narrativa e da interação.* Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p. 37-46.

SANTOS, C. S. *et al.* Factors associated with dementia in elderly. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n.2, p. 603-611, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n2/en\\_1413-8123-csc-25-02-0603.pdf](https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n2/en_1413-8123-csc-25-02-0603.pdf). Acesso em: 25 jan. 2021.

SANTOS, E. N. *et al.* Educação em saúde na comunidade: dialogando sobre o envelhecimento e a Doença de Alzheimer. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR*, v. 27, n. 2, p. 32-36, 2019. Disponível em: [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190704\\_104549.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190704_104549.pdf). Acesso em: 25 jan. 2021.

SERINO, J. *et al.* Atrofia Cortical Posterior – uma possível causa para as queixas visuais. *Revista Oftalmologia*, v. 38, p. 219-222, 2014.

TANNEN, D. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse.* 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

TANNEN, D. Introducing constructed dialogue in Greek and American conversational and literary narrative. *In: COULMAS, F. Direct and indirect speech.* Berlin: Mouton, 1986. p. 311-332.

WANG, X-D. *et al.* A pilot study on clinical and neuroimaging characteristics of Chinese Posterior Cortical Atrophy: comparison with typical Alzheimer's Disease. *PLOS ONE*, v. 10, n. 8, p. 1-12, 2015.



Recbido em 14/04/2020. Aceito em 08/10/2020.

## ANEXO A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

SINAIS	OCORRÊNCIAS
(SI)	Incompreensão de palavras ou segmentos
Maiúscula	Entonação enfática
:	Prolongamento de vogal e consoante (podendo aumentar de acordo com a duração)
-	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))
[ apontando o local onde ocorre a sobreposição	Sobreposição
“ “	Leitura de texto

**Fonte:** Marcuschi (1986); Custodio (2019)